PHILOSOPHIA DOS EGYPCIOS

(Conclusão de pag. 158)

V

Os antigos sacerdotes egypcios pretendiam que os seus deuses eram adorados até pelos barbaros. O seu culto achava-se, de feito, espalhado pela Chaldeia e por quasi todas as regiões da Asia, encontrando-se ainda hoje vestigios d'elle nas ceremonias religiosas da India. Tomavam Osiris, Isis, Orus, Hermes, Anubis por almas celestiaes, que haviam generosamente abandonado a celica mansão, vestido a fórma humana e acceitado toda a miseria da nossa condição para conversarem com os homens, instruil-os do justo e do injusto, communicar-lhes as sciencias e artes, dar-lhes leis e tornal-os mais sabios e menos desgraçados. Diziam-se descendentes d'esses seres immortaes e herdeiros do seu divinal espirito. Excellente doutrina, para um povo!

Precedentemente, não havia culto algum supersticioso, cujos ministros não tivessem tambem identicas pretensões, alliando algumas vezes o sacerdocio com a soberania.

Estavam distribuidos por diversas classes, cada uma das quaes assignada a differentes exercicios e distincta por privilegios particulares. Renunciantes a qualquer occupação manual e profana, vagavam sem cessar ante os simulacros dos deuses n'um passo grave e cadenciado, serios, com as mãos occultas no vestuario. Uma das suas funcções principaes e ordinarias era a de exhortar o povo a guardar apêgo inviolavel aos usos e costumes do paiz, e interessavam-se vivamente no cumprimento d'esse dever sacerdotal. Observavam detida e minuciosamente o céo durante a noite, e de dia faziam purificações. Celebravam um officio, que consistia em cantar alguns hymnos de manhã, ao meio dia, depois do meio dia, e á tarde. N'estes intervallos entregavam-se ao estudo da arithmetica, da geometria e da physica experimental.

O seu vestuario, de um estofo de linho, era aceiado e modesto; o calçado era feito de junco entrançado. Circumcidavam-se; abluiam-se com agua fria tres vezes por dia; intrediziam-se o pão quando occorriam as purificações ou misturavam-lhe hysopo; bebiam pouco vinho; o azeite e o peixe eram-lhes absolutamente vedados, e não podiam semear favas.

Eis a ordem d'uma das suas procissões:

Abriam o prestito os cantores, levando na mão alguns symbolos da arte musical. Os cantores eram particularmente versados nos dous livros de Mercurio, que continham os hymnos dos deuses e as maximas dos reis.

Seguiam-se os horoscopistas, levando a palma e o quadrante solar, os dois symbolos da astrologia judiciaria. Estes eram iniciados nos quatro livros de Mercurio sobre os movimentos, luz, nascimento e occaso dos astros, conjuncções e opposições da lua e do sol.

Após estes, iam os escribas das cousas sagradas, com uma pluma na cabeça e na mão o tinteiro e o junco. Conheciam a hierogliphica, a cosmologia, a geographia, a astrologia, a topographia do Egypto e dos logares consagrados, e diversas cousas relativas á politica e á religião.

Em seguida, caminhavam os chamados *stolites*, com os symbolos da justiça e as taças das libações. Eram commettidos de tudo o que concernia á escolha das victimas, á disciplina dos templos, ao culto divino, ás ceremonias religiosas, aos sacrificios, ás premissas, aos hymnos e orações, ás festas, ás pompas publicas e a outras materias que constituem dez dos livros de Mercurio.

No couce da procissão iam os prophetas, com o peito nu, e pendente d'elle a *hydria*. Os prophetas eram vistos em tudo o que tinha relação com a natureza dos deuses e com o espirito das leis. Os livros sacerdotaes, que continham a sua sciencia, eram em numero de dez.

VI

Toda a sabedoria egypciaca formava quarenta e dous volumes, dos quaes os ultimos seis, para uso dos pastophoros, tratavam da anatomia, da medicina, das doenças, dos instrumentos, dos olhos e das mulheres. Estes livros eram guardados nos templos. Os logares onde estavam depostos só eram accessiveis aos sacerdotes mais antigos. Só podiam ser iniciados os naturaes do paiz, a quem previamente faziam passar por longas provas. Se a recommendação do soberano constrangia a admittirem em uma congregação algum estrangeiro, nada poupavam para o repulsarem.

Ensinavam primeiro ao neophyto a epistolographia, ou a fórma e o valor dos caracteres ordinarios. Depois, passavam-no ao conhecimento da escriptura santa, ou da sciencia do sacerdocio, e o seu curso de theologia acabava pelos tratados da hieroglíphica ou do estylo lapidar, que se dividia em caracteres fallantes, symbolicos, imitativos e allegoricos.

A sua philosophia moral alludia principalmente á commodidade da vida e á sciencia do governo.

Os Egypcios presistiram primeiro no materialismo. Depois, reconheceram um principio intelligente, a alma do mundo, ubiquo, animando tudo, tudo governando, segundo leis immutaveis. Tudo o que existia, d'elle emanava; tudo o que cessava de existir, para elle voltava: era a origem e o sorvedoiro das existencias. Foram successivamente deistas, platonicos, manicheus, consoante as conjuncturas e os systemas dominantes. Admittiram a immortalidade da alma e oravam pelos mortos. O Amenthes foi uma especie de inferno ou de Elysios. Encommendavam a alma dos moribundos por estes termos: — *Sol omnibus imperans, vos dii universi qui vitam hominibus largimini, me accipite: et diis æternis contubernalem futurum reddite.* Segundo elles, as almas dos justos entravam no seio do grande Principio logo que se separavam do corpo. As dos máus ou se purificavam, ou se depravavam ainda mais, circulando no mundo debaixo de fórmas novas e diversificadas. A materia era eterna: não fôra nem emana-

da, nem produzida, nem creada. O mundo tivera um principio, mas a materia não tinha principio, nem podia ter fim. Existia por si-mesma, como o principio immaterial. O principio immaterial era o Ser Eterno, que informa; a materia, o Ser Eterno, que é informado. O casamento de Osiris com Isis era uma allegoria d'este systema. Osiris e Isis engendraram Orus, ou o Universo, que olhavam como o acto do principio activo applicado ao principio passivo.

A maxima fundamental da sua theologia exoterica era a de não rejeitar nenhuma superstição estrangeira: conseguintemente, não houve deuses perseguidos na terra, que não encontrassem asylo em qualquer templo egypciaco. Franqueavam-lhes as portas, sob condição de se deixarem vestir á maneira do paiz.

O culto, que consagravam aos irracionaes e a outros seres da natureza, foi uma consequencia naturalissima da hierogliphica. As figuras hierogliphicas, representadas em pedra, designaram, primeiramente, differentes phenomenos da Natureza; — mas, depois, tornaram-se para o povo representações da divindade. D'ahi essa alluvião de deuses de todas as qualidades e feitios de que estava repleto o Egypto; d'ahi essas contestações sangrentas, que se levantaram entre os sacerdotes, quando a parte laboriosa e activa da nação se viu impossibilitada de promover ás suas proprias necessidades, e ao mesmo tempo ás necessidades da parte ignava e ociosa. *Summus utrimque inde furor, vulgo quod numina vicinorum odit uterque locus, cum solos dicat habendos esse deos quos ipse colit*[1].

Guimarães.

ADOLPHO SALAZAR.

---

[1] ERRATAS D'ESTE ESCRITO: — Pag. 62, l. 11, onde se lê — *que viesse*, leia-se — *que vissem*.

Pag. 110, l. 4, onde se lê — *essas molas*, leia-se — *essas moles*.

SONETO TRISTE

Quando eu morrer, bem sei, ó minha amada,
Que não terei os lutos da saudade,
E não terei os prantos da piedade
E a tristeza de uma alma desolada!

Na minha sepultura abandonada
Hão-de crescer as hervas á vontade.
Ninguem verá minha ultima morada
Senão por trivial curiosidade...

Ninguem!...e sempre só! Na sepultura
Descançarei em paz da vida escura,
—D'esta comedia de banal rumor!—

E sem pezar, sem dor, sem um lamento,
Terei emfim o eterno esquecimento
Das saudados crueis do teu amor!...

1877.

GASPAR DE LEMOS.

COMTE E A SUA ESCÓLA

Nas sciencias positivas não se conhece nenhuma propriedade sem materia, porque nunca se encontrou a gravitação sem corpo pesado, electricidade sem corpo electrico, vida sem ser vivo. Esta doutrina applicada ás sciencias de observação e de raciocinio tem dado optimos resultados, embora pareça discutivel no ponto de vista philosophico e social.

Generalisada nas sciencias e nas letras, observada com attenção, devia produzir um dia uma revolução na sociedade. Comte realisou-a.

Em 1824, quando este grande pensador se separou do celebre reformador Saint-Simon, seu mestre, fundou a sua escóla, que mais tarde devia ter por adeptos os mais eminentes sabios da França e da Inglaterra. Saido do cáos horroroso em que se encontrava o fim do seculo passado, Augusto Comte reconheceu o ponto ficticio inherente a toda a theologia e a toda a metaphysica, eliminou-o, e para este fim, estudando a historia, encontrou a sua lei dynamica, e com esta uma philosophia que abraça tudo e que é uma das bases do governo racional da humanidade. Dividiu em tres as phases essenciaes do desenvolvimento do nosso espirito: theologica, methaphisica e positiva, e viu que o nosso seculo, abrindo a phase positiva, aquella em que se renuncia o estudo do absoluto para se applicar unicamente ao estudo das leis e das condições, destruia a prepotencia clerical e comprehendia que o culto de um Deus pessoal é uma loucura, a revelação uma mentira e a vida futura outra mentira tambem.

A philosophia positiva, affastando do dominio scientifico o estudo das causas primas ou finaes, foi na sua infancia confundida com o materialismo de Moleschott e de Buchner, e ainda hoje o é por alguns philosophos que suppõem que affastar Deus como inutil do dominio scientifico para explicar os phenomenos reaes equivale a negar a sua existencia ou a de uma força que move e unifica as leis do universo. Por isso os que julgam que o positivismo e o materialismo são uma e a mesma coisa cáem em erro, porque o positivismo limita-se a rejeitar Deus como desnecessario no campo scientifico, emquanto que o materialismo fal-o subordinar ao poder da materia, transforma-o em uma propriedade d'esta. O positivismo adoptando o culto da sciencia, investigando os phenomenos reaes, palpaveis, não cria um Deus-Materia como a escóla de Buchner.

Mas rejeitada a sancção do dever para uma vida futura, o positivismo de Comte creou uma moral altruista fundada em certos sentimentos, cujo desenvolvimento devia resultar de um sys-

tema muito complicado de instituições sociaes que envolvem o homem em todas as phases successivas da sua vida.

Este altruismo creado por Comte e regeitado pelos seus discipulos Littré e Stuart Mill marcou o signal da scisão dos filhos da escóla positiva.

Comte, por um desvio do seu espirito, talvez produzido por uma aberração filha dos ataques da loucura a que era habituado, quiz estabelecer um culto á Humanidade, outro á terra e ainda alguns mais extravagantes. Instituia-se patriarcha d'esta nova religião, as suas cartas eram breves, os discipulos, seus sacerdotes, que tinham a obrigação de o sustentar, como ainda hoje os bons catholicos fazem aos inuteis do Vaticano.

Tendo fundado uma philoscphia que tem por base a negação de toda a concepção theologica e metaphisica, Comte, querendo crear uma religião scientifica, copiava quasi os dogmas do catholicismo e caia systematicamente no erro vulgar, que outr'ora louvára Saint-Simon de o ter evitado.

O poder espiritual de que se suppunha chefe correspondia ao poder do Papa. Julgava-se como tal, o que se conheceu no seu testamento, em que instituia treze executores testamenteiros, encarregando-os de ccnservar a sua casa da rua Monsieur-le-Prince tal qual se achava, como a *primeira séde* do culto da Humanidade.

Este retrocesso de Augusto Comte ao mysticismo que sempre combatera, uns attribuem-no á loucura do chefe da escóla positiva no ultimo quartel da sua vida, outros ao amor violento que A. Comte sentiu por Clotilde Vaux. A esse respeito, Littré exprime-se da seguinte fórma: «A influencia d'este amor foi mystica, sobretudo quando a morte de Clotilde, que tardou pouco, lhe consagrou a sua recordação».

O amor por Clotilde Vaux, a quem dedicou um culto, levou Comte ás mais extravagantes e antiphilosophicas concepções sobre o futuro da mulher.

Suppunha elle que a evolução organica da mulher, por uma differenciação impossivel de funcções, teria um dia como resultado necessario a sua *independencia*. De maneira que segundo a sua

hypothèse hardie, a mulher fecundar-se-ia a si propria e tornar-se-hia uma *virgem-mãe*.

Ora estas e outras hypotheses, alheias á toda a philosophia verdadeiramente positiva, mas que Augusto Comte, á imitação de Jean Reynaud, Enfantin, Pierre Leroux e outros philosophos da escóla saint-simoneana, quiz dogmatisar, motivou a retirada de Grote, Stuart Mill e Littré do numero dos seus discipulos, que não se quizeram immobilisar no dogmatismo do mestre.

Os orthodoxos tratando esta separação sob um ponto de vista falso, appellidam de hereticos aos que não acceitaram os cultos da *Virgem-mãe*, da Humanidade, da terra, a moral altruista e outras concepções visionarias de Augusto Comte.

Esta especie de abjuração ás ultimas doutrinas do mestre, em logar de ser a causa da ruina da philosophia positiva, impedia ao contrario que um tão grande monumento da nossa evolução intellectual, soffrendo um desvio, acabasse por se atrophiar, tornando inuteis todos os trabalhos dos neopositivistas.

Depois da morte de Comte, Emile Littré tornou-se o chefe da escóla positiva e Stuart Mill o seu representante na Inglaterra.

Littré, no pensar de Saint-Beuve, «é um homem de sciencia, de methodo, nutrido do alimento dos fortes, do succo generoso das doutrinas, todo elastico, todo nervos; é um espirito profundo, verdadeiramente philosopho e pensador. »

Preso a Comte por um dever de gratidão, Littré ainda hoje respeita a memoria do mestre, mas, prehenchendo as lacunas e emendando os erros da sua escóla, torna-se um verdadeiro sabio.

Em 1870, quando M.me Comte levantou um processo contra os executores testamenteiros do seu marido, com o fim de os impedir de publicar os ultimos trabalhos de Comte como indignos d'este, Emile Littré auxiliou-a energicamente em tão justa empresa, provando com factos o estado de alienação mental de Augusto Comte, nos ultimos annos da sua vida.

Littré, querendo salvar a honra do mestre, não foi comprehendido por muitos que suppuzeram um acto de calumniador a boa intensão com que tomou a defeza de M.me Comte.

Ainda ha pouco, em uma questão que se ventilou entre os

snrs. C. C. Branco e Alexandre da Conceição, vimos que nem sempre a sociedade julga como deve, nem os grandes escriptores estão exemptos de errar no juizo que fazem dos que pertencem á sua classe. Dizemos isto porque o sr. C. C. Branco parece criminar Littré por este ter querido provar, juntamente com M.me Comte, o estado de loucura do grande fundador da escóla positiva nos ultimos annos da sua vida.

Segundo Stuart Mill, a theoria de Comte ainda não está acabada, porque lhe falta uma theoria de prova, uma logica. No seu livro *Augusto Comte e o positivismo*, diz-nos o seguinte: «A philosophia da sciencia compõe-se de duas partes principaes: methodos de investigação e condições de prova. Umas indicam os caminhos pelos quaes o espirito humano chega a conclusões, outras, o modo de provar a sua verdade. Uma vez completas, as primeiras seriam um instrumento de descoberta, as ultimas de prova. É ao estudo das primeiras que se limita principalmente Comte. Mas sobre a questão da prova, não dá luz alguma, nem fornece nenhum criterio de verdade».

Um dos erros de Comte, segundo S. Mill, é rejeitar a economia politica da ordem dos conhecimentos positivos. Sob este ponto de vista, Augusto Comte não póde ser considerado o fundador da sciencia social.

A par de todos os defeitos de Comte como homem de sciencia, é incontestavel que o fundador do positivismo foi um dos mais profundos pensadores e dos mais eruditos philosophos das gerações modernas.

Se a sua obra não ficou completa, como quer S. Mill, deixou construido quasi o total do edificio. Outros que o retoquem.

A escóla de A. Comte, modificada em certos pontos por Littré e Stuart Mill, vae-se vulgarisando com uma rapidez notavel. Todos a estudam e todos a querem applicar ás sciencias como á litteratura e historia. O nosso seculo comprehendeu a sua missão; destroe de vez as ruinas do velho edificio catholico.

SILVA TELLES.

A ESTATUA DE CAMÕES

(AOS ESTUDANTES DE COIMBRA)

Eramos uma geração valente,
Quando os galeões buscavam o Oriente;
— E os deuses, como uns soes,
Erguendo os vivos, flammejantes braços,
Abençoavam do alto dos espaços
As frontes dos heroes;

Quando o nosso bom nome venerado,
Nas bocas dos canhões, ia levado
Ás praias mais remotas;
E de Guiné, da America e de Gôa
Chegava até ás aguas de Lisboa
A esteira de mil frotas.

De tantas glorias, tanta luz brilhante,
Tanto sorriso alegre e triumphante,
Onde jaz o clarão?
Onde o vigor de um paiz outr'ora forte?
Perguntemol-o aos carceres da morte,
Aos reis, á inquisição!

Em vez d'aquella olympica harmonia
Com que solemne retumbar se ouvia
A epopeia de um povo,
Accenderam-se lugubres fogueiras...
E, soltando suas preces derradeiras,
Ardia o christão-novo.

Os reis, emtanto, oravam nas capellas...
E as luminosas, dulcidas estrellas,
Com os olhos magoados
E as almas, todas candidas, abertas
Soluçavam de pranto e dó cobertas,
Ao vêr os condemnados.

Mas, das edades no medonho abysmo,
Soou a hora extrema ao despotismo,
Sublevou-se o mar!
Soldados! arrancae vossas medalhas!
Jámais o rouco estrondo das batalhas
Nos poderá guiar!

A ideia é mais robusta que as espadas,
E as bayonetas de aço temperadas
No sangue dos vencidos!
Nós queremos erguer sem medo a fronte,
Estender para o lucido horisonte
Os braços opprimidos!

Quem nos conduza ás praias do Futuro
Não hade ser um estandarte escuro,
Nem frouxa luz mortiça:
Anima-nos a auréola sagrada
Da grande deusa austera, immaculada,
Que se chama a Justiça.

Por isso hoje conscientes, orgulhosos
Dos portuguezes fastos assombrosos,
E antigas tradições,
Ao surgirmos da barbara indolencia,
Vimos saudar a nossa independencia
Na estátua de Camões!

Porto, 5 de Maio de 1881.

J. Leite de Vasconcellos.

De l'influence de la moelle sur les mouvements du coeur d'après MM. Ludwig et Thiry.

Claude Bernard a dit quelque part : « La critique nc consiste pas à prouver que d'autres se sont trompés, et quand même on prouverait qu'un homme èminente s'est trompé, ce ne serait pas une grande découverte; cela ne peut devenir un travail profitable pour la science qu'autant que l'on montre comment cet homme s'est trompé... C'est ainsi que la critique équivaut á une découverte; c'est quand elle explique tout sans rien nier et qu'elle trouve le déterminisme exact des faits en apparence contradictoires». Cette idée, d'ailleurs si juste, de l'éminent physiologiste français a été depuis longtemps notre divise. Toujours avons nous pensé que toute idée, quelqu'en soit l'auteur, doitêetre mesurée par l'étalon de la raison, et qu'il en faut débrouiller de toutes ses enveloppes, pour marquer sa génèse, son développement, ses métamorphoses, bref son évolution. C'est ainsi que la critique est féconde : elle provoque des découvertes en nous montrant le chemin à parcourir et nous apprend à éviter les erreurs.

C'est d'après ces idées que nous allons faire la critique de la théorie de MM. Ludwig et Thiry. La voici : Si l'on fait la ligature de l'aorte on voit bientôt survenir l'accélération des battements du coeur; d'un autre coté, la galvanisation de la moelle épinière aprés sa section entre l'atlas et l'occipital amène des effets semblables à ceux résultant de la ligature de l'aorte. Donc la moelle agit sur les mouvements du coeur á la façon de la ligature de l'aorte. Mais quel est le mécanisme de cette action? On sait que Cl. Bernard a signalé le premier nettement les modifications qu'apportent sur la circulation les nerfs vaso-constricteurs; on sait aussi que ces nerfs ont des connexions intimes avec la moelle épinière ; il est donc clair qu'en excitant celle-ci, le courant électrique doit mettre en jeu l'activité des nerfs vaso-constricteurs qui détermineront un retrècissement de la lumière des petites artères, tout en faisant á la fois augmenter la pression dans les grosses artéres.

De plus, pour compléter la démonstration, MM. Ludwig et Thiry ont constaté qu'en sectionnant tous les filets nerveux qui relient la moelle au coeur et en la galvanisant ensuite, elle agit sur l'agent moteur central de la circulation tout comme avant l'interruption de ses communications avec celui-ci. Il paraît donc suivre de là que l'influence de la moelle épinière sur le coeur est indirecte et qu'elle s'exerce á l'aide des vaso-moteurs—

Cependant la théorie de MM. Ludwig et Thiry est loin d'être vraie. Elle peut être formulée en des termes suivants:

Un obstacle quelconque opposé au courant circulatoire amène une accumulation dans les grosses artères et par conséquent une augmentation de la pression qui détermine á son tour la super activité du coeur et l'accélération de ses battements. Mais, il faut remarquer, ce raisonnement est erroné, car l'accumulation du sang dans les grosses artéres peut être produite non seulement par le resserrement des artérioles, mais aussi par la fréquence des battements du coeur, si bien que la moelle peut agir sur les mouvements cardiaques directement par les filets cardio-médullaires accélérateurs et indirectement par les nerfs vaso-constricteurs.

Voilá comment par une critique raisonnée de la théorie de MM. Ludwig et Thiry on arrive *á priori,* tout en redressant l'erreur de la theorie de ces physiologistes, á la même conclusion á laquelle est arrivé M. Cyon en étudiant l'influence de la moelle épinière sur les mouvements du coeur.

Porto, 20 avril, 1881.

D. Agostinho de Souza.

NOTA SOBRE AS ADIVINHAS POPULARES PORTUGUEZAS

No estudo das adivinhas populares portuguezas offerecem-se dois factos sobre modo interessantes: um é que ellas tem fórmulas iniciaes (e ás vezes finaes) diversas segundo as localidades; outro é que o assumpto sae principalmente das cousas domesticas e da lavoura. Estes factos referem-se por tanto á *fórma* e á *essencia* das adivinhas.

Da observação de mais de trezentas adivinhas que tenho recolhido, posso concluir que a fórmula inicial = *que é, que é* = predomina no Minho e Trás-os-Montes; tambem se encontra na Beira-Baixa e no limite (Pesqueira) d'esta provincia com a Beira-Alta; ás vezes aquella fórmula é substituida só por = *que é a coisa*, etc. A fórmula = *qual é coisa, qual é ella* = domina (se não é unica) nos arredores de Lamego e Viseu (Lamego, Mondim, S. Martinho de Mouros, Sinfães, S. Pedro do Sul, Mortagua, Vouzella etc.); posuo advinhas onde apenas se lê = *qual é coisa* (Porto, Feira, Amarante) e possuo outras que começam = *qual é elle, qual é ella.* = (Guimarães, etc.). Em Paços de Ferreira apparece esta fórmula inicial = *adivinhas uma adivinha?* =

As fórmulas finaes variam egualmente. Algumas dizem *adivinhae, bachareis* (Minho); *não adivinhas este anno, nem para o anno que vier, só se t'o eu disser* (Porto etc.); *adivinha, tolo* (Trás-os-Montes), á maneira dos contos populares cujo termo é: *adeus ó Victoria, acabou-se a historia*, etc. (Minho).

Com relação ao segundo facto, o assumpto muitas vezes é tirado de outras partes, mas dá-se de quando em quando a coincidencia de se ir buscar á lavoura, por ex., o objecto da comparação. Assim uma adivinha de Taboaço, na qual se representa o *ar*, as *estrellas*, o *vento* e o *sol*, diz:

Qual é coisa,
Qual é ella,
Lameiro redondo,

Pastorinhas ao longo,
Cão raivoso,
Pastor formoso?

Quando se estuda o nosso paiz, nota-se que de provincia para provincia ha uma variedade nos terrenos, na flora, na linguagem, nos trajos, nos costumes; por isso não admira que as formulas das adivinhas offereçam differenças locaes.

Como os nossos enigmas se encontram ao mesmo tempo na Galliza, Catalunha, Baixa-Bretanha e outros pontos, somos levados a concluir que elles não tem origem portugueza; por isso, das ideias ahi expressas, alguns ensinamentos se devem tirar a respeito dos povos que os transmittiram, — povos civilisados, essencialmente conhecedores da agricultura.

Eis um exemplo da importancia das tradições populares, e eu o offereço áquelles que, com uma teima inepta, não se cançam de atirar zombarias ás crenças do povo.

J. Leite de Vasconcellos.

CHRONICA

A academia de Coimbra acaba de prestar homenagem solemne ao cantor dos Luziadas.

Esta ideia, nascida ha dois annos no seio da mocidade estudiosa d'aquella cidade, foi por fim levada a effeito com um esplendor e magnificencia inexcediveis.

Se exceptuarmos certas inutilidades do programma d'aquella sympathica fésta e algumas precepitações no seu modo de realisação, poderemos affirmar que nunca os estudantes sustentaram tão bem os seus intentos, impondo-se á admiração publica pelo modo por que realisaram o nobre pensamento, que brotou do amor á patria e do enthusiamo pelo maior genio portuguez.

Depois de trezentos annos de olvido, o monumento levantado a Camões pela geração que ha de ser a gloria do paiz, era quasi um dever. A academia cumpriu a sua missão e collocou o seu nome ao lado d'esse grande homem, que depois de legar á patria o livro da sua immortalidade, soube morrer resignado n'uma enxerga do hospital!

Não foi sem custo que os iniciadores d'essa nobilissima ideia conseguiram levar a cabo tão imponente manifestação ; mas cabe-lhes ao menos a gloria de terem elevado o nivel das aspirações da sua classe e aberto aos estudantes de Portugal uma nova época, prenhe de conquistas e de luz.

Luiz de Camões frequentou a universidade, bebeu ahi as primeiras ideias, que se multiplicaram e reproduziram em fulgentes scintillações do genio, cantou em *versos sublimados* a lusa Athenas, e por isso era quasi um crime o silencio da academia, d'esse fóco da intelligencia, d'onde irradiam tão bellos e vigorosos talentos.

As actividades conglobaram-se, as resistencias foram vencidas e a nobre cidade de Coimbra prestou ao Homero portuguez o seu preito e a sua veneração.

A classe academica fez-se interprete d'esses sentimentos e assignalou no dia do anniversario da entrada do exercito liberal n'aquella cidade, mais um facto memoravel para as paginas da historia portugueza.

Felicitamos jubilosos a academia de Coimbra e agradecemos-lhe reconhecidos o acolhimento e cortezia que dispensou aos estudantss do Porto, nossos representantes.

* * *

Hontem houve reunião no Club Academico do Porto para se tratar da adhesão ao protesto dos estudantes de Coimbra, da liga academica e de uma associação philantropica.

Fallou largamente, eloquentemente o distincto alumno do 5.º anno medico-cirurgico, o senhor Maximiano de Lemos, que foi calorosamente applaudido.

Tambem fallaram os senhores Maciel, Florido, Salgueiro, Veiga e o presidente do Club, que abriu a sessão, participando á assembleia o fim para que foi convocada a reunião. Emquanto á liga academica e ao protesto contra o vexatorio fôro da universidade, diremos simplesmente que é necessario acabar de uma vez com os abusos e absolutismos das academias e dar força á numerosa classe academica em cujas mãos serão entregues, de futuro, os destinos da nação. Extinguir os restos de inquisição, que existem nos estabelecimentos scientificos do paiz, é um dever, n'um seculo em que só predomina a civilisação.

Porto, 13-5-81

M. A. S.